

MULHERES NA POLÍTICA, A REPRESSÃO, A MASCULINIZAÇÃO E A MÍDIA: OS CASOS DE ANGELA MERKEL, DILMA ROUSSEFF, E PARK GEUN-HYE

Daiane Soares de Lima
Joyce M. Mertig Araujo

Resumo

A atuação feminina no processo democrático e na política, apesar de ter evoluído nas últimas décadas, ainda é uma luta constante, pois apesar de haver-se conquistado o direito de votar e atuar em pleitos eleitorais, todavia surgem outros problemas e formas de repressão advindas de uma cultura machista e patriarcal, cujo intuito é manter as mulheres sobre domínio masculino e na esfera privada. Uma forma de coibir, reprimir a participação, inserção das mulheres na política e a criação de estereótipos reforçados através da mídia. A mulher mais dura, com características de liderança associadas aos homens, desde as vestimentas até a forma de falar e de posicionar, e a mistura de características que remetem ao feminino com a política das mulheres é o que esse artigo se propõe a analisar, focando em três casos específicos, o de Angela Merkel na Alemanha, de Dilma Rousseff no Brasil, e de Park Geun-hye na Coreia do Sul.

Palavras-chave: Mulheres, Política, Masculinização, mídia.

Resumen

La actuación femenina en el proceso democrático y en la política, a pesar de haber evolucionado en las últimas décadas, sigue siendo una lucha constante, pues a pesar de haber conquistado el derecho de votar y la actuación en pleitos electorales, todavía surgen otros problemas y formas de represión de una cultura machista y patriarcal, cuyo propósito es mantener a las mujeres sobre dominio masculino y en la esfera privada. Una forma de cohibir, reprimir la participación, inserción de las mujeres en la política y la creación de estereotipos reforzados a través de los medios de comunicación. La mujer más dura, con características de liderazgo asociadas a los hombres, desde las vestimentas hasta la forma de hablar y de posicionar, y la mezcla de características que remiten al femenino con la política de las mujeres es lo que ese artículo se propone analizar, enfocando en tres casos específicos, el de Angela Merkel en Alemania, de Dilma Rousseff en Brasil, y de Park Geun-hye en Corea del Sur.

Palabras-clave: Mujeres, Política, masculinización, medios.

Introdução

Ao longo da história as mulheres sempre estiveram em desvantagem devido ao fato de estarem submetidas ao sistema patriarcal, onde as relações entre os sexos são baseadas na submissão feminina, e na distribuição desigual de poder. Entretanto, as mulheres não permaneceram inertes diante desse cenário. Sendo possível apontar movimentos minimamente estruturados de reivindicação feminina em meados do século XIX.

A primeira onda do feminismo foi um conjunto de movimentações articulado por mulheres em prol da luta por igualdade política e jurídica entre os sexos, ou seja, reivindicação por direitos iguais de cidadania (direito à educação, propriedades e posses de bens, divórcio, etc.), tendo como ápice a luta sufragista que reivindicava o direito das mulheres ao voto. O surgimento desse

movimento pode ser compreendido e relacionado ao contexto de profundas transformações que se deram no âmbito do trabalho, da cultura, do Estado e nas cidades, que foram propagados de forma efervescente na Europa após a Revolução Francesa e a Revolução Industrial.

Ao longo do tempo a luta cada vez mais numerosa e homogênea, não tarda em se rebelar contra as péssimas condições de vida em que estavam submetidas as mulheres, ou seja, trabalhadoras que viviam uma vida miserável, com longas jornadas de trabalho duro, com salários menores se comparado ao dos homens, obrigadas a lidar com todo tipo de assédio moral e sexual, com o tratamento conservador dos maridos, além de desenvolverem dupla jornada (tarefas domésticas e cuidado dos filhos). Entendemos assim que existiam e de alguma forma ainda existem diferentes graus de opressão, conforme o espaço e papel que cada uma desempenha na sociedade.

Obter o direito ao voto foi um passo significativo. Poder votar e ser votada, somada às outras conquistas democráticas. Lógico que as pautas democráticas vêm adquirindo novas solicitações, colocado na ordem-do-dia o amadurecimento do perfil do movimento feminista, por meio da unificação da diversidade como as demandas e protagonismo das mulheres negras, LGBT's e de terceiro mundo.

Com efeito, retomar a primeira onda do feminismo é uma forma de entendermos o cenário atual e assim avançarmos e aprofundamos as lutas presentes e futuras. Partindo desse pressuposto histórico de luta feminina por participação política, traremos neste trabalho uma análise de como as mulheres são tratadas no ambiente político atual, e como a mídia se comporta em relação a essas mulheres.

Breve resumo da história das mulheres analisadas

Dilma Vana Rousseff iniciou sua vida política ainda na adolescência, aos 16 anos, foi militante contra a ditadura de 1964, tendo sido torturada e tendo ficado presa durante quase três por esse fato. Foi uma das fundadoras do partido Democrático trabalhista (PDT) em 1979, quando lutava pela anistia, com os militares ainda no poder. Em 1993 torna-se Secretária de Energia, Minas e Comunicação do Rio Grande do Sul, onde continuou durante o mandato do governador Olívio Dutra. Após a posse de Lula em 2003 torna-se Ministra de Minas e Energia. Em 2005 é escolhida por Lula para o cargo de Chefe da Casa Civil, e coordena todo o trabalho do Ministério. Em 2010 é indicada pelo mesmo a pleitear para ser sua sucessora pelo Partido dos Trabalhadores (PT) se elegendendo, como a primeira mulher presidente, ou primeira presidenta como preferia ser chamada

¹, do Brasil em 2011, sendo reeleita em 2014, mandato esse que cumpriu até ser afastada de seu cargo por um processo de impeachment em 2016.

Park Geun-hye é uma política Sul coreana que teve contato com a política desde muito jovem, aos 11 anos de idade, com o governo de seu pai Park Chung-hee militar e presidente, que governou o país por cerca de 18 anos, em um governo que até hoje gera polêmicas². Após o assassinato de sua mãe em 1974, Park Geun-hye aos 22 anos assume o papel de primeira dama do país, ao lado de seu pai. Cinco anos mais tarde perde seu pai após um assassinato e inicia sua carreira política. Em 1998, torna-se vice-presidente do *Grand National Party* e iniciou seu mandato como membro da Assembleia Nacional. Em 2012 finalmente é eleita presidente pelo *Partido Saenuri*, que era seu partido anterior (Grand National Party) Reformado. Seu mandato presidencial acaba em 10 de março de 2017, através de um processo de impeachment.

Angela Dorothea Merkel iniciou de fato sua carreira política já como uma mulher madura, aos 35 anos, apesar de anteriormente já haver sido militante da Juventude Livre Alemã. Sua carreira política de fato, se inicia após a queda do muro de Berlim em 1989 quando Merkel toma parte do movimento pela democratização do país, e inicia sua carreira no partido Despertar Democrático. Em 1990 na primeira eleição pós-reunificação da Alemanha, foi eleita para a Câmara Baixa do Parlamento Alemão. Em 1991, é nomeada para o Ministério da Juventude e Família, onde permanece até 1994. Em 1994 é nomeada Ministra do Meio Ambiente, cargo que ocupa até 1997. Em 1998 Merkel foi nomeada secretária geral do CDU (União Democrata Cristã) para reerguer o partido que passava por um momento difícil. Em novembro de 2005 é eleita chanceler tornando-se a primeira mulher em cargo de chefia do governo de seu país, tendo sido reeleita para o cargo em setembro de 2009, dezembro de 2013, e junho de 2017, ainda permanecendo no cargo.

A questão da masculinização das mulheres na política

Todos esses casos significaram um avanço no que diz respeito à participação política das mulheres, pois as três foram as primeiras mulheres a chegarem aos respectivos cargos que ocupam,

¹ Como mencionado acima Dilma gostava de ser chamada de presidenta, o que motivou ataques por diversos setores da mídia e da política, que insistiram que a mesma deveria ser chamada pelo masculino (ou neutro) presidente. Por outro lado compreendemos que o uso de presidenta com (A) no final dá força e ênfase ao fato de uma mulher haver chegado ao cargo mais alto da política Brasileira, um espaço de poder público onde o domínio majoritariamente é masculino. Sendo tão expressivo o termo que ao assumir o governo interino de Michel Temer vetar o uso da palavra “presidenta” em publicações da Empresa Brasileira de Comunicação (EBC). Sendo algo que a princípio parece tão irrelevante, mas de um simbolismo profundo divulgado no dia 31 de maio de 2016 pelo jornal Online “Brasil 247”. Ver mais em: BRASIL 247. TEMER VETA PALAVRA “PRESIDENTA” EM PUBLICAÇÕES DA EBC. In: BRASIL 247. Edição [online] de 31 de maio de 2016 .

² Ver mais em: <http://www.koreapost.com.br/conheca-a-coreia/historia/park-geun-hye-e-sua-trajetoria-politica/>

no entanto, o que as três têm em comum além de serem as primeiras de seus cargos, é a postura mais discreta, a maneira de se vestirem, sempre com seus terninhos, os cabelos mais curtos, e a forma mais dura como se apresentam, Merkel por exemplo é muito conhecida por governar com punho de ferro, e pelos seus terninhos “sem graça” e sempre repetidos, enquanto que Dilma por diversas vezes foi chamada de “machona” e até teve sua sexualidade questionada pela maneira como se apresenta.

Michelle Perrot em seu artigo “*O gênero da cidade*” no qual fala sobre o tratamento dado às mulheres em relação ao âmbito público e privado na cidade europeia do século XIX, nos traz a questão das mulheres que foram impedidas de fazerem operações na bolsa de valores, e para que pudessem estar presentes nesse ambiente, se disfarçavam com, botas, cartola e um culote e se infiltraram em meio à multidão de espectadores do sexo masculino.

Ao que parece, na atualidade política mundial as coisas não são muito diferentes do que Perrot descreve sobre o mercado financeiro do século XIX europeu. As mulheres não são impedidas de participarem da política, e por tanto não precisam vestir-se exatamente iguais aos homens para frequentar esses espaços, no entanto, devido a tradição machista no ambiente político, estas se veem obrigadas a adotarem uma postura mais masculinizada para fazerem-se ouvir ou acabam por terem suas vozes silenciadas.

Mas apesar de se “masculinizarem” para serem mais aceitáveis no ambiente político, as mulheres quando sofrem ataques, são atacadas no que diz respeito ao fato de ser mulher, não na pretensa incompetência ou corrupção, como acontece com os homens. Um dos exemplos mais claros desse fato foram os adesivos da presidente Dilma com as pernas abertas na entrada dos tanques dos carros³ na época de seu impeachment. Nenhum homem foi atacado dessa forma anteriormente na história da política, a eles cabe apenas serem chamados de “ladrões” ou “corruptos”, são apenas atacados na fonte de sua competência. Park Geun-hye teve seu impeachment decretado após um escândalo de corrupção em que ela estaria envolvida, no qual ela teria aproveitado de suas influências para favorecer a empresa de uma amiga de longa data. Park também foi atacada por deixar sua amizade (feminina) influenciar sua política, mesmo havendo negado saber sobre o que sua amiga fazia.

³ Ver mais em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/governo-denuncia-adesivo-com-ofensa-sexual-a-dilma,33f5fa7ff225c4a3d42f654bee769de9s9gleRCRD.html>

Os estereótipos femininos na política

Por outro lado Elisabeth Prügl em seu trabalho *"If Lehman Brothers had been Lehman Sisters...": Gender and myth in the aftermath of the financial crisis*", analisa como após a crise de 2008 a mídia se apropria de estereótipos femininos e masculinos (a mulher prudente e cautelosa, e o homem impulsivo, que corre muitos riscos) para explicar a crise (que teria sido causada pela impulsividade masculina) e como ela poderia ter sido evitada se houvesse mais mulheres em cargos importantes no mercado financeiro (com a prudência feminina), e ainda como o mercado financeiro seria reconstruído com as mulheres estando ao lado dos homens para auxiliá-los.

Também vemos essas apropriações de estereótipos (feminino/masculino) quando se trata das mulheres na política, a questão da maternidade é algo que está quase sempre presente quando uma mulher está em um alto cargo de um país. Um exemplo disso é quando os apoiadores da ex-presidente Dilma Rousseff a chamavam de "Dilmãe" remetendo-se a que ela seria sim uma figura carismática, acolhedora e afável (como se reforça que uma mãe deve ser), ao contrário do que os seus opositores diziam. Já no caso de Merkel é comum ouvir de seus conterrâneos que eles não saberiam dizer se ela é uma "mãe" ou uma "madrasta" devido a forma mais dura com que essa exerce seu governo.

A mídia e seu papel na estereotipação

Em ambos os casos (de masculinização ou de associação à estereótipos femininos) vemos um elemento em comum que está sempre presente, a mídia. Este é o elemento "x" que reforça os estereótipos e os utiliza de acordo com o que lhe parecer mais favorável. Em seu livro *Mitologias* Roland Barthes coloca que quando o mito fala por sobre um objeto, toma dele toda sua história, que o transforma em um objeto do qual usufruímos sem nos questionar sobre de onde ele vem. Isso pode ser visto quando falamos sobre como as mulheres políticas são colocadas para as pessoas. A mídia nos dá diferentes estereótipos, sejam eles considerados bons ou ruins pelo público que os vê, e que são reproduzidos de acordo com a opinião que o público tem da pessoa em questão. Na época de seu impeachment Dilma Rousseff foi execrada pela mídia, e consequentemente pelas pessoas, que passaram a acreditar em qualquer coisa negativa relacionada a ex-presidente. No caso de Park a mídia também esteve presente nos ataques a ex presidente sul coreana, no entanto não com tanta intensidade quanto aconteceu no caso brasileiro. Merkel mantém sua vida pessoal em discrição e longe da mídia, portanto no caso dela não cabe falar de

ataques misóginos, no entanto neste caso se encaixa a visão da mulher “mãe” que a mídia reforça por sobre a visão popular.

Conclusão

Portanto fica evidente que as mulheres não são alheias a política. Elas participam ativamente dos movimentos sociais que impulsionam as transformações de um país. Contudo acabam não participando em peso da política formal, pois há um grande impedimento que são a mídia e os estereótipos que perseguem as mulheres tanto no ambiente político quanto em outros. As mulheres que conseguem participar dos pleitos eleitorais, entram nesses pleitos em posição de desvantagem em relação aos candidatos do sexo masculino. E quando conseguem assumir um cargo de destaque, acabam por ter que assumir, uma postura mais “masculinizada” para se fazerem aceitas e respeitadas. E ainda existem momentos em que essas mulheres veem sua imagem associada com a maternidade, com essa associação sendo usada de maneira a ofendê-la ou cobrando esse algo feminino que na visão popular estaria ausente em sua apresentação ao público.

Seja no primeiro ou no segundo caso, a mídia é um elemento que sempre está presente como o elemento formador, divulgador, e de reforço dos estereótipos, utilizando seu amplo acesso às massas para manipular ou reforçar a visão da população sobre as mulheres que estão no poder. Por outro lado, à essas mulheres, salvo algumas exceções, cabe estarem sempre em posição de defesa desses ataques feitos em nome de uma cultura machista e patriarcal.

Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, 11^a edição.

BEAUVOIR, Simone. *O Segundo sexo: fatos e mitos*. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

Biografia. www2.planalto.gov.br. Disponível em: <<http://www2.planalto.gov.br/conheca-a-presidencia/presidencia/presidenta/biografia>>.

Biografia de Angela Merkel. eBiografia. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/angela_merkel/>.

DIETZ, Mary G. O contexto é que conta: Feminismo e teorias da cidadania. In: Cidadania Feminismo. Edição especial. Productos Culturales, S.A.C.V. México, 1999. pp. 3-28.

HAAS, Benjamin. **South Korea: former president Park Geun-hye sentenced to 24 years in jail**.

The Guardian. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2018/apr/06/former-south-korea-president-park-geun-hye-guilt-of-corruption>>.

MOREIRA, Camila. **Park Geun-hye e sua Trajetória Política**. KOREAPOST. Disponível em: <<http://www.koreapost.com.br/conheca-a-coreia/historia/park-geun-hye-e-sua-trajetoria-politica/>>.

PERROT, Michelle. *O GÊNERO DA CIDADE*. História e Perspectivas, Uberlândia (50): 23-44, jan./jun. 2014.

PRÜGL, Elisabeth. “*If Lehman Brothers Had Been Lehman Sisters...*”: *Gender and Myth in the Aftermath of the Financial Crisis*. In *International Political Sociology*. 2012.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.